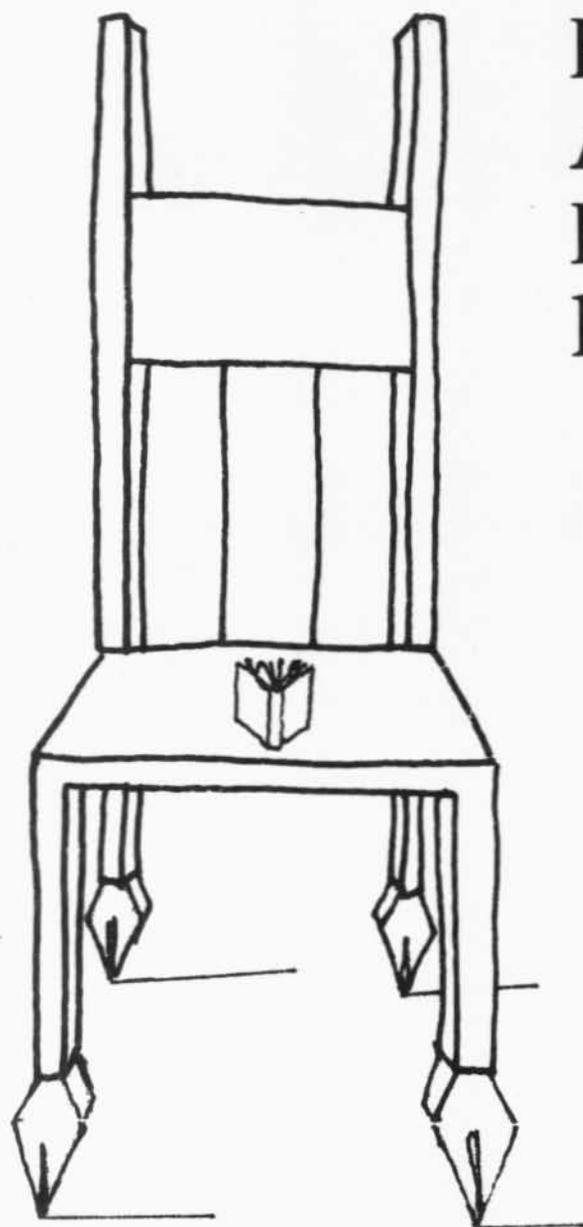


Marco Maciel

Letras & Política



POSSE NA
ACADEMIA
PERNAMBUCANA
DE LETRAS

1992

SENADOR MARCO MACIEL

Letras & Política

POSSE NA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS

DISCURSOS PRONUNCIADOS POR:

- * Marco Maciel
- * Luiz de Magalhães Melo
- * Marcos Vilaça
- * Joaquim Francisco

BRASÍLIA — 1992

‘ Como sabemos, as idéias se cristalizam em ideais e estes em flama: a atividade política, portanto, perpassa o imaginário coletivo; vertebrada às suas ações, projetando-se no tempo além de todas as latitudes imagináveis e de todos os limites alcançáveis ’

MARCO MACIEL

LETRAS E POLÍTICA

Marco Maciel

Cumpro, hoje, nesta venerável instituição, cuja devoção de seus membros parece semelhá-la a um templo, o primeiro ritual de minha vida de acadêmico. Mas não serão apenas rituais as palavras que ora pronuncio, para expressar o meu agradecimento pela maneira com que fui ungido, aqui, em tão generosa sagração eleitoral, e o meu contentamento por poder penetrar nos fascinantes domínios da Academia Pernambucana de Letras.

O poeta Manuel Bandeira, certa vez, em carta a um escritor pernambucano, disse, muito modestamente, merecer o seu busto em praça pública, no Recife, pelo esforço e paciência com que havia longamente posado para o escultor Celso Antônio.

Quanto a mim — Deus haverá de perdoar a imodéstia — espero merecer esta convivência, pela admiração que nutro pelos seus integrantes e igualmente por dedicar minha vida, pensamento e ação, à política, através da qual dispenso permanente atenção à literatura, à educação e ciência, à pesquisa, à tecnologia, às artes, à cultura, enfim.

A política, em sua correta acepção, não conhece fronteira entre o pensar e o agir, sendo a ação antecedida sempre pelas idéias, cujo diálogo, ressalte-se, constitui essência do processo democrático.

E quem diz idéias ou ideais, quem diz diálogo, pressupõe, na política ou fora dela, em maior ou menor grau, mas necessariamente, uma relevante contingência de valores intelectuais afora os princípios morais que a tudo embasam.

À sua maneira abrangente, quase diria ecumênica, a Academia não é apenas uma reunião de literatos — poetas ou ficcionistas — posto que aqui, como na vida, eles sejam virtualmente imprescindíveis. Nela domina a força das idéias nas suas mais ricas manifestações.

A Academia abre espaço, em síntese, para a reflexão sobre a relação por vezes íntima entre a arte das letras e a arte da política, esta também

situada, por exemplo, no âmbito das memórias, compreendendo diários, cartas, biografias e autobiografias, muitas vezes de elevada feição literária.

A literatura brasileira, mesmo que de certa forma ainda pobre nesse gênero, nele tem encontrado alguns casos exponenciais. Não são raros os homens públicos que têm oferecido interpretação significativa dos acontecimentos políticos ou testemunhado fatos relevantes de nossa história.

Mesmo o discurso, que é a principal ferramenta do político, o seu instrumento por excelência, e que nos últimos tempos vem sendo talvez um dos menos apreciados dos gêneros literários, depois de um longo prestígio e apogeu, e cujo declínio se dá menos por causas intrínsecas e, sim, pelo mau uso que se vem fazendo da oratória, pelo seu mau uso barroco ou rococó, pelo seu abuso demagógico nos palanques; mesmo o discurso, friso, pode não apenas ornar, mas consubstanciar toda uma obra de pensamento e de literatura como, no campo religioso. Foi o caso estelar do Padre Antônio Vieira ou do meu antecessor, Monsenhor Severino Nogueira, de quem a fala densa e elegante, no púlpito ou nos salões de conferência, tanto ressoa em nossa memória.

Assim, mesmo admitindo-se a natureza específica da literatura — tendo um fim em si mesma, valendo-se por si mesma, e não veículo de outros objetivos — não há como não se ressaír a sua utilização pela política. É, como vimos, a hipótese dos textos de memórias ou dos ensaios historiográficos ou de filosofia política ou, por excelência, do discurso, o desenvolvimento de uma proposta destinada a persuadir ou empolgar.

Não se pode, portanto, retirar do político, para o qual, na opinião preconceituosa de muitos, tudo é somente ação, movimento e pragmatismo, a glória do esplendor intelectual.

CONCEITO DE POLÍTICA

Entendo a política, insisto, como atividade que associa pensamento e ação, compatibilizando-os num eticismo de conduta que leva a sociedade à satisfação de interesses coletivos; assim, perfilho a concisa definição que lhe deu Alceu Amoroso Lima, Tristão de Ataíde, ao compreendê-la como "ciência, virtude e arte do bem comum". Para exercitá-la, pois, é cada vez mais necessário ter sempre presente um ideário a orientar a ação, a presidir os atos e decisões, nunca dessegando o pensar e o agir.

Em seu excelente ensaio biográfico sobre Mirabeau, Ortega y Gasset previne: "Não se pretende excluir do político a teoria, a visão puramente intelectual. A ação tem nele que ser precedida de uma prestigiosa contemplação".

E constata pelo exemplo: "César, enquanto atravessava os alpes em sua liteira, compõe um tratado de Analogia, como Mirabeau escreve na prisão uma gramática, e Napoleão, em sua tenda de campanha, sobre a neve russa, o minucioso regulamento do teatro francês. Lamento que a veracidade me

obrigue a dizer que não acreditarei jamais no talento de um político de quem não se tenha ouvido coisa parecida. Por quê? Muito simples. Essas criações suplementares e supérfluas são um sintoma inequívoco de que esses homens sentiam fruição intelectual".

"Com o progresso dos tempos" — conclui Gasset — "a sociedade se torna mais complexa e os políticos pensam ser cada vez mais intelectuais, quer se queira ou não."

Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo, a um só tempo político e escritor, adota a mesma linha. Ao discusar, como Secretário-Geral, na inauguração da Academia Brasileira de Letras, afirma sem reboços: "Eu bem sei que a política, ou, tomando-a em sua forma mais pura, o espírito público, é inseparável de todas as grandes obras: a política dos faraós reflete-se nas pirâmides tanto quanto a política ateniense no Partenon; o gênio católico da Idade Média está na *Divina Comédia*, como o gênio protestante do protetorado está no *Paraíso Perdido*, como o gênio da França Monárquica está na literatura e no estilo dos séculos XVII e XVIII..." E agrega: "A política, isto é, o sentimento do perigo e da glória, da grandeza ou de queda do país, é uma fonte de inspiração de que se ressentem, em cada povo, a literatura toda de uma época", mas adverte, com oportunidade, que "para a política pertencer à literatura e entrar na Academia, é preciso que ela não seja o seu próprio objeto; que desapareça na criação que produziu como o mercúrio nos amálgamas de ouro e prata".

Lembro, na mesma direção, De Gaulle, o estrategista, herói e estadista, para quem a básica tarefa do homem de estado deve ser a de converter "idéias em realidade". Assim é possível ao político aspirar não apenas ao êxito eleitoral — glória efêmera, sucesso que se dissipa rapidamente, quando não a olvida a memória coletiva —, mas certamente ao reconhecimento que lhe garanta senão a perpetuidade de seus gestos, pelo menos a perenidade de suas idéias.

Como sabemos, as idéias se cristalizam em ideais e estes em flama: a atividade política, portanto, perpassa o imaginário coletivo; vertebrada às suas ações, projetando-se no tempo além de todas as latitudes imagináveis e de todos os limites alcançáveis.

Sem jamais haver pensado ao longo de minha vida pública obter a láurea acadêmica — que eleva, honra e consola — não posso deixar de proclamar que a presidir meus gestos está sempre a convicção de que em política não se pode dispartir idéia e ação, aquela devendo preceder a esta, de sorte que se possa, com discernimento, ousar pôr os dedos nos raios da roda da história. Somente assim essa atividade, da qual dimanará enorme labor, dedicação integral e busca obstinada aos objetivos, poderá merecer a aprovação dos coetâneos e consolidar os valores que balizarão a saga dos pósteros.

Não são os políticos o espelho da sociedade e uma forma de materialização de suas potencialidades?

Repito, com Roger Garaudy: "A política é reflexão sobre o sentido do homem e como descobrir os meios para obter esse fim. Quero dizer, como dar a cada criança que carregue dentro de si o gênio de Mozart as condições para ser um Mozart".

Ainda que a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão — já se disse ironicamente — tenha olvidado de assegurar o direito de se contradizer, não creio ser possível, em política, prática de rígida coerência em se tratando de realidades extremamente cambiantes. Não deve haver, porém, conflito entre dizer e fazer, pois de outra forma se retiraria do discurso toda a autenticidade de seu conteúdo. "Suprimida a palavra, o que se torna a voz?", indaga Santo Agostinho em um sermão sobre São João. "Esvaziada de sentido, é apenas um ruído. A voz sem palavras ressoa no ouvido, mas não alimenta o coração. É o que também ensina a sabedoria do Velho Testamento, imersa no Eclesiástico: "O fruto revela como foi cultivada a árvore; assim, a palavra mostra o coração do homem. Pois é no falar que o homem se revela. (Eclo 27, 4-7.)

Transponho, pois, os umbrais desta academia, certo de não haver conflito entre política e cultura, como não se pode tornar dissímil pensamento e ação, mesmo porque não há entre intelectuais e políticos como compartimentar atitudes que se voltam ao aprimoramento da vida social e da conduta cívica.

O ato político se inicia no reino das consciências e seu debate se prolonga no espaço vivo das sociedades livres, que almejamos cada vez mais democráticas e participativas, edificadas com o cimento da ética.

Recorde-se, a propósito, o famoso apólogo de Protágoras, inserido no diálogo platônico de igual nome. Incumbido de levar aos homens a arte da política, Mercúrio indaga a Júpiter como ministrá-la. Quando se trata, dilucida Júpiter, "de competência nas artes e construções, os atenienses, como os outros, julgam que há poucas pessoas habilitadas a dar conselhos; e não suportam que tome a palavra alguém que não pertence a esse grupo". Contudo, em se tratando de uma deliberação política, toleram que qualquer pessoa se manifeste. E adiciona: "A diferença entre a arte da política e as outras artes está em que a primeira não se ensina, e não se ensina porque é patrimônio de todos".

Assim perfilho a observação de Max Weber, inscrita em famoso ensaio, de que há três qualidades determinantes no homem público: paixão, no sentido de propósito a realizar, isto é, devoção a uma "causa"; sentimento de responsabilidade, que o impele a colocar-se a serviço dessa causa como estrela polar determinante de sua atividade; e senso de proporção, característica psicológica fundamental do político. Quer isso expressar, assinala Weber, que o político deve ter a faculdade de permitir que os fatos ajam sobre si no recolhimento e na calma interior do espírito, sabendo, por conseguinte, manter à distância os homens e as coisas.

IGREJA E CULTURA

Senhores Acadêmicos,

O confrade Potiguar Matos — agora posso assim chamar o meu sempre professor de história — em sua rica fala de recepção nesta Casa, citando o humanista Luiz Delgado, também meu ex-professor, descobre com relação à Cadeira nº 21, "que há nela uma espécie de tradição, como se ela tivesse um destino e como se, através da sucessão dos indivíduos e da balbúrdia dos acontecimentos, alguma afinidade misteriosa tivesse andado a aproximar os seres, a reuni-los em grupos, em categorias, em linhagens".

E, logo depois, ajunta: "Ao tentar aprofundar a tese de Delgado e nas linhas do seu próprio raciocínio, aconteceu-me o medo de estar partindo uma surpreendente cadeia de inteligências ou ferindo a harmonia de cativante arquitetura espiritual, como os velhos templos góticos do medievo, erguida com a colaboração paciente e sábia do tempo, sem pressa ou improvisação".

O mesmo parece acontecer, é a conclusão a que também chego, quanto à cadeira que agora passo a ocupar. Quem sabe por estranhos, porém compreensíveis desígnios, explorando coincidências para magnificá-las, lavrando em rica província cultural, expungindo o que não é relevante, observo um só pensamento a percorrer a todos os ocupantes da cadeira, cujo Patrono é o Frei Leandro do Sacramento, nascido nos fins do século XVIII, um dos muitos religiosos a integrar o conjunto dos patrocinadores desta Academia. Em todos eles, percebo, a marcar suas respectivas produções intelectuais, uma acentuada similitude de conduta — tanto pela busca da liberdade quanto pela defesa de uma sociedade menos injusta — e notável identidade nas convicções religiosas.

Em todos eles, salvo Alfredo de Moraes Coutinho, eleito em 1927 e falecido em 1938, sem que haja tomado posse, de Armando Taborda de Souza Gaioso, seu fundador, passando por Ceciliano Célio Meira de Oliveira Melo, o reconhecido Célio Meira e alcançando o Monsenhor Severino Leite Nogueira, seu último ocupante, diviso uma nítida e harmoniosa linha, em que as vocações profissionais, pendores intelectuais e convicções confessionais não se desassociam. São eles pesquisadores, historiadores — de história natural ou das civilizações —, jornalistas ou articulistas e, sublinhe-se, mais uma vez, praticantes do mesmo credo religioso. O professor Célio Meira, seu penúltimo ocupante, faz inclusive catequese religiosa em sua obra poética, como se pode verificar em muitos de seus versos, como nesta quadra:

"Aos que amam o Nazareno
Não dê nunca um triste exemplo
Se não tem Jesus na mente
Não vá buscá-lo no templo"

Frei Leandro do Sacramento, que se notabilizou na vida secular como botânico e não participou, ao lado de seus irmãos de clero, da revolução

de 1817, chamada "Revolução dos Padres", legou-nos, porém, como cientista, significativa contribuição para o conhecimento de nossa flora, hoje objeto de tanta controvérsia internacional, depois que a ecologia, uma das denominadas "comunalidades" do mundo moderno, possibilitou a redescoberta da sua importância na formulação de projetos orgânicos de desenvolvimento. Esses projetos, ressaltado, contribuirão para a realização integral do homem, a ponto de se excogitar atualmente da elaboração de um "Estatuto da Terra" — a exemplo da Declaração dos Direitos do Homem.

Aliás, a presença do Frei Leandro do Sacramento ao lado de nove outros religiosos, como patronos de cadeiras na Academia Pernambucana de Letras, nos faz refletir sobre a influência da Igreja em nossa formação cultural.

De fato, não é possível escrever a História do Brasil, à margem da história das diferentes ordens religiosas, como observaram, entre outros, Fernando de Azevedo e Gilberto Freyre. Elas atuaram, ativamente, na vida brasileira desde os albores da nacionalidade até os dias mais recentes da República. Ninguém pode desconhecer, apenas para reforçar um aspecto, que o ensino em nosso País nasceu da grande contribuição que deram os jesuítas, em particular, e as confissões religiosas em geral. Sua importância levou Capistrano de Abreu a inferir não ser correto escrever a História do Brasil ignorando a presença da Companhia de Jesus. Não apenas durante o período inicial de colonização, em que eram suas as únicas escolas existentes, mas também depois da emancipação, frise-se uma vez mais, em que tiveram a seu lado, além da presença do Estado, a participação das escolas leigas de que estão cheios de referências os nossos arquivos históricos. Isso sem mencionar a existência de padres, frades e freiras que exercitavam outros misteres — cronistas, pesquisadores e políticos — e quão numerosos foram eles, sobretudo nas Casas Legislativas do Império!

O Monsenhor Severino Nogueira, de quem fui paroquiano durante o período em que, como governador, tornei-me inquilino do Palácio do Campo das Princesas, e ao qual tenho a honra, ornando a minha biografia, de suceder na Cadeira de nº 22, sublinha em dois de seus bem tecidos e pesquisados trabalhos — a Conferência sobre Dom Francisco Cardoso Aires e o Discurso de Posse nesta academia — a importância desse fato, apoiado em estudos de mestres como Sílvio Romero. Para este, assinala o Monsenhor Nogueira, "a unidade religiosa, consolidada pelo catecismo dos jesuítas, e a unidade jurídica, junto das ordenações do Reino são fatores de unidades nacional".

Ao falar de sua opulenta e canônica figura de sacerdote, lente, orador — um autêntico Mont'Alverne dos novos tempos — não tenho como deixar de fazer uma afirmação que pode parecer tanto pretensiosa quanto ousada. Reporto-me à proximidade que creio existir entre a atitude do sacerdote e atividade do político. Assim como não vejo incongruência — como avengei anteriormente, entre o labor do intelectual e a ação do político, não consigo divisá-la também entre a verdadeira política, que deve ter como objetivo

o bem comum, e o ministério religioso que, não despreza, antes, valoriza o precípua papel do cristão na edificação de um consórcio humano balizado pela justiça social. Daí podermos identificar, na função política, uma ação missionária.

Nisto, creio não estar só!

Gandhi, um cristólogo em seu apostolado pela não-violência, refletia igual ponto de vista: "Minha devoção à verdade empurrou-me para a política; e posso dizer, sem a mínima hesitação, mas também com toda a humildade, que não entendem nada de religião aqueles que afirmam que ela nada tem a ver com a política".

A Igreja Católica, da qual Monsenhor Nogueira foi dos melhores e cultos servos, é, como qualificou recentemente o Papa Paulo VI, "perita em humanidade", ao propalar uma visão global do homem, que ela expressa em sua vasta doutrina social.

Esse ministério pontifício vem se adaptando à semântica dos novos tempos desde a encíclica *Rerum Novarum*, do inspirado Leão XIII, o primeiro e sistematizado pensamento *ex-professo* sobre a questão social.

Defende a encíclica princípios, hoje universalmente aceitos, que produziram talvez um impacto igual ou maior do que o causado pelo manifesto marxista, tal a firmeza e contundência com que verberou a iniquidade da exploração, por parte de duas correntes econômicas que se digladiavam, concitando "a autoridade pública a tomar medidas eficazes para assegurar os interesses da classe trabalhadora, sob pena de violar a justiça que quer seja dado a cada um o que é devido".

A doutrina social, católica, colocando a Igreja em posição equidistante de todo totalitarismo político, e que se consolida no tempo, define-se a partir de uma visão integral do homem, considerado não apenas como agente econômico, mas também como ser lúdico, livre e social, possuidor e criador de cultura, necessitando de afeto e capaz de solidariedade e amor; do homem, chamado a realizar-se nesta terra, sujeito ao erro, porém convocado para o transcendente.

As encíclicas posteriores à *Rerum Novarum*, em grande parte trazidas à lume em sua comemoração, aprofundaram e alargaram os preceitos de Leão XIII. Assim foi com a *Quadragesimo Anno*, de Pio XII, a *Mater et Magistra*, de João XXIII, a *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II a *Populorum Progressio*, de Paulo VI, e, de João Paulo II, a *Labor Exercens*, a *Sollicitudo Rei Socialis* e, finalmente a *Centesimus Annus*, editada em regozijo pela passagem do primeiro centenário da *Rerum Novarum*.

O ministério social da Igreja atualiza-se quase que com a mesma rapidez das mudanças verificadas "*urbi et orbe*", graças a sua continuidade associada à renovação, conforme expõe o Papa peregrino João Paulo II, assegurando a sua enorme perenidade.

Não é este o papel a ser cumprido pelo político, isto é, por todos aqueles que se dedicam integralmente à causa pública?

Tudo isso exige dos sacerdotes — na acepção escatológica de sua tarefa — e dos políticos, no seu propósito de propiciar ao homem sua plena e integral realização, uma generosa e contínua atitude de solidariedade em relação ao próximo, um permanente gesto de amor.

Explica-se, dessa forma, a razão pela qual o carisma, expressão utilizada no passado para caracterizar os portadores de dotes sobrenaturais, especialmente os santos e mártires, tenha passado também a ser considerado atributo do autêntico homem público. Pois, uns e outros, religiosos e políticos, não podem prescindir da aura do exemplo que se dá como corolário de uma reta conduta dedicada ao bem comum, ao serviço da causa que professam. Assim, a ambos cumpre, com o testemunho e a ação, exercitar tarefas catequéticas, de proselitismo em favor das convicções e valores que abraçam.

Nem se pense, todavia, que o ministério do homem de Estado não tenha para a Igreja valor e significação. Ao contrário, a doutrina católica consigna relevante importância a crescente melhoria de vida do homem em seu trânsito pelo mundo. O Concílio Vaticano II (nº 1.350) é suficientemente esclarecedor: "A obra redentora de Cristo, que consiste essencialmente na salvação dos homens, inclui também a instauração da ordem temporal. Portanto, a missão da Igreja não consiste só em levar aos homens a mensagem de Cristo e sua graça, senão também em penetrar no espírito evangélico as realidades temporais e aperfeiçoá-las". Assim, a doutrina cristã não apenas conhece a importância da atividade política: estima-a e exalta-a.

O INTELLECTUAL E O ERUDITO

Acredito, pois, não haver nenhuma descontinuidade de formulação intelectual naqueles que, sucessivamente, vêm ocupando a Cadeira nº 22 da nossa APL, sem possuir o vasto cabedal de conhecimentos históricos, a profundidade do saber religioso, o fulgor dos recursos oratórios que tão bem caracterizaram meu predecessor posso, contudo, afirmar que tenho muitos pontos em comum com sua estuante e lhana individualidade de cidadão e sacerdote.

Durante os dezessete anos que integrou esta instituição, muito contribuiu para enaltecê-la, pelo testemunho do Evangelho, verticalidade de conduta cívica e devotado cumprimento de seus misteres acadêmicos.

Se um traço, dentre muitos, desejasse frisar na fecunda personalidade do Monsenhor Nogueira, este bem poderia ser de reputado orador sacro. Sim, notabilizou-se justamente na oratória, considerada o mais geral dos ramos literários, e talvez, por isso mesmo, o mais difícil, posto que exige, ao lado de uma perfeita articulação das idéias, um vigoroso talento de expressão verbal.

Examinar a obra e estudar a personalidade do Monsenhor Severino Nogueira nos ajuda, igualmente, a entender a importância da diferença entre o intelectual e o erudito.

Este, expõe Daniel Bell, "freqüenta um campo de conhecimento limitado, tem uma tradição na qual procura encontrar seu lugar, acrescentando à massa do conhecimento acumulado e testado, como quem constrói um mosaico. Está menos envolvido com sua individualidade. Já o intelectual tem como ponto de partida sua experiência, suas percepções individuais do mundo, seus privilégios e carências, julgando o mundo com essas sensibilidades".

Depois desse perfil, qual a dificuldade em catalogar o Monsenhor Nogueira como um lídimo, genuíno intelectual? Sempre demonstrado, cotidianamente, seja no púlpito, ou em conferências, nos seus diversos escritos para revistas, livros e jornais, nos conselhos de cultura, nesta Academia de Letras.

Parece corroborar esse raciocínio o comentário que sobre seu discurso de posse na APL fez o escritor e jornalista Andrade Lima Filho, em crônica publicada no velho *Diário de Pernambuco*: "Ao contrário da árvore, que lhe tomou o nome, Nogueira não cresceu muito por fora. Fez como o Adamastor: cresceu por dentro".

O poeta Mauro Mota, também escrevendo sobre o homenageado, afirma na mesma direção:

"Sabe-sé que, quando o presidente da APL disse: "Tem a palavra Monsenhor Severino Nogueira", estava dando o seu a seu dono, pois, nesta paróquia — e digo paróquia no sentido amplo, jamais com limite na do vigário de Santo Antônio — ninguém mais do que ele exerce o domínio sobre a palavra, isto é, sobre as palavras. Ninguém, mais do que ele, sabe reuni-las, expurgando as de mau-caráter, dar-lhes boa convivência e cargas significativas na expressão oral. Oralidade — e aí está a vitória do orador sobre o falastrão — que, se levada à escrita, permanece viva no conjunto de valores".

É do humanista Nilo Pereira a transcrição, em um de seus artigos no *Jornal do Commercio*, da humorada observação de seu velho amigo Fernando Barreto: "Receio pecar na missa das onze em Santo Antônio, indo mais pela homilia do que pelo mandamento. E confortei-me logo com a certeza de que tudo é o Evangelho, tudo é a mensagem divina".

Sem nada mais pretender aditar ao retrato de meu antecessor — tarefa extremamente complexa e exuberante — gostaria tão-somente de lembrar que nascido, nos albores da Primeira Grande Guerra, na cidade de Paudalho, hoje, pela conurbação, contígua à região metropolitana do Recife, o pranteado Severino Nogueira terá a conservar-lhe a memória e a reverenciar-lhe permanentemente os méritos toda a Casa de Carneiro Vilela, e não apenas aquele que tem a honra de suceder-lhe.

IMORTALIDADE E CULTURA

Milan Kundera diz em um de seus últimos livros que "o homem pode pôr fim à sua vida, mas não pode pôr fim à sua imortalidade". A imortalidade a que ele se refere nada tem a ver com a imortalidade da alma. Trata-se, esclarece Kundera, de "uma outra imortalidade, profana, para aqueles que

permanecem depois de mortos na memória da posteridade". E arremata: "Diante dessa imortalidade as pessoas não são iguais".

Para nós, cristãos, contudo, a imortalidade é um processo que se inicia com a vida e não se extingue jamais. É o ensinamento contido na primeira carta paulina aos coríntios: "Eis que vos digo um mistério; não morremos todos, mas seremos mudados. (...) Os mortos ressuscitarão incorruptíveis. Traçada foi a morte na vitória".

Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos, senhoras e senhores, se este discurso não tem a pretensão de ser eterno, não deve também ser interminável.

Não seria justo encerrá-lo, todavia, sem a renovação de meus agradecimentos a todos os integrantes desta Casa que me receberam de modo tão calidamente pernambucano.

Devo, de modo especial, mencionar as atenções com que me distinguiram o ex-Presidente Valdemir Miranda, estendendo os cumprimentos, meus e de Anna Maria, a sua esposa D. Yone; e o atual Presidente Luiz Magalhães Melo — ele também vocação de intelectual e de político — e D. Tereza, inextinguíveis, todos, juntamente com os funcionários da Casa, na carinhosa acolhida e recepção que me dispensaram a partir do depósito de minha candidatura.

Palavra especial devo dirigir ao amigo Marcos Vinicius Vilaça, que tantos títulos acumula em densa vida de professor, escritor, secretário de Estado, membro da Academia Brasileira de Letras, Ministro do Tribunal de Contas da União e que desta Casa também foi presidente. "tão jovem e tão presidente", na adorável charla cunhada por Gilberto Freyre. De Vilaça, que tanto admiro e por quem nutro uma amizade que vem dos idos do Colégio Nóbrega, e que se estende a sua Do Carmo, veio o primeiro impulso para que concorresse à APL; o que me levou, após dias de angústia e reflexão, entre perplexo e emocionado, a dizer-lhe: eu não sou digno!

Como meu recipiendário, e cumprindo a liturgia que governa os atos desta solenidade, desejo manifestar-lhe os agradecimentos pelo estímulo à vida acadêmica, que me permitirá conviver com individualidades de outros saberes, e alimentar-me de boa seiva na minha caminhada de homem público.

Sei, como disse em primoroso texto o imortal — estadual e federal — Vilaça, que "a palavra é o canto dos homens. Ela toca e tange. Traz-me cativo de sua força e sedução".

Sem ela jamais teria a provisão de sol interior que me estimulou a postular o ingresso na Casa de Carneiro Vilela, síntese das melhores tradições pernambucanas!

Sr. Presidente,

Alceu de Amoroso Lima, em obra citada pelo Monsenhor Nogueira, diz que "consciente ou inconscientemente, não pode jamais, a literatura, quando é verdadeira literatura, deixar de refletir uma determinada atitude em face da vida". Para mim, esta "atitude em face da vida" é, em sua aparente simplicidade,

dade, a perfeita definição de política. Muito mais que uma profissão, a política, tal como a entendo e busco exercê-la, é uma atitude de vida.

Espero oferecer a esta Casa, com esta percepção de política, a minha contribuição ao "desenvolvimento da cultura literária", consoante seus estatutos.

Porém, com o poeta João Cabral de Melo Neto:

"Sei que traçar no papel
é mais fácil que na vida
sei que o mundo jamais é
a página pura e passiva
o mundo não é folha
de papel receptiva:
o mundo tem alma autônoma
é de alma inquieta e explosiva"

"Mas" — como ao poeta —

"o sol me deu a idéia
de mundo claro algum dia"
(Auto do Frade)

Assim, com as minhas convicções, trago o sol das praças e o meditar das longas vigílias consagradas à nossa pobre condição humana, certo de que aqui terei a claridade que provém das luzes da cultura.

Discurso pronunciado pelo Acadêmico Luiz de Magalhães Melo, Presidente da Academia Pernambucana de Letras, ao abrir a Sessão Solene de Posse do Senador Marco Maciel no dia 27 de julho de 1992.

Dentro dos estilos, vamos hoje dizer alguma coisa a respeito do novo Acadêmico recém-eleito em pleito memorável para esta Academia de Letras, o Senador Marco Antônio Maciel.

Não chega ele a esta Casa de Carneiro Vilela de mãos vazias, pois que o mérito intelectual é a medida exata de quantos postulam e alcançam tal glória maior.

Sem dúvida, a condição de político não deve ser desdenhada ou pesar pouco na balança do nosso julgamento, como no juízo de qualquer cidadão, ainda que medianamente inteligente. Isto acontece aqui como em qualquer nação civilizada.

Foi na academia francesa que escritores brasileiros se inspiraram para criar e multiplicar as suas academias: a nacional e as estaduais. Lá pontificava o genial Ernest Renan, a quem se deve a seguinte verdade: "Tudo que é grande e possui valor real cabe nesta Academia".

Sentimos que na consciência do acadêmico que hoje estamos recebendo nesta sessão solene sempre houve o pulsar de outras aspirações e de outros temas não menos nobres. Até porque, sendo possível, ninguém deseja andar ao longo da vida em um mesmo sentido. Com efeito, o Barão do Rio Branco e Joaquim Nabuco, dois expoentes da intelectualidade brasileira, foram, ao mesmo tempo, grandes escritores e políticos. Ambos passaram pela Academia Brasileira de Letras e foram, respectivamente, Ministro do Exterior e Embaixador do Brasil.

Do mesmo modo, o crítico literário e historiador dos mais renomados, Sílvio Romero, ex-Deputado Federal, foi quem recebeu, na mesma Academia Brasileira de Letras, o autor de *Os Sertões*, Euclides da Cunha, o qual aspirou muito o mandato de Deputado Federal. Fracassada essa idéia, o Barão do Rio Branco, seu amigo, convocou-o para participar do intrincado caso dos limites territoriais entre o Brasil e a Argentina.

Por igual, o Presidente Getúlio Vargas pertenceu àquela Casa de Letras do País. E Barbosa Lima Sobrinho, ex-Deputado Federal e Governador de Pernambuco, lá está honrando a láurea que recebeu como todos os cargos que tem exercido no cenário político-cultural da vida brasileira. Ninguém ignora que o ex-Presidente Juscelino Kubitschek, o criador de Brasília, ao

terminar o seu mandato, alimentava ardorosamente o desejo de ocupar uma cadeira entre os imortais, no Rio de Janeiro, ao lado do notável escritor e jornalista Austregésilo de Athayde. Talvez as gerações mais novas não saibam, também, que o General Dantas Barreto substituiu, na Casa de Machado de Assis, a Joaquim Nabuco.

Josué Montello dizia, faz pouco tempo, em uma de suas crônicas, que o romancista famoso Victor Hugo fez quatro tentativas para ingressar na Academia Francesa, somente conseguindo o seu objetivo na quinta inscrição como candidato.

Já havia escrito essas palavras, quando lembrei-me que Coelho Neto fora secretário de Estado do governo do Rio de Janeiro e Rui Barbosa, político e jurista toda vida, afirmou-se grande mestre, também, no campo da filologia e da gramática, na conhecida e demorada polêmica que travou com Carneiro Ribeiro, a propósito da redação do Código Civil Brasileiro, a qual empolgou todo o País.

Será bom lembrar que Gilberto Freyre, após uma válida e rica incursão no domínio da sociologia e da antropologia, elegeu-se Deputado Federal pelo nosso Estado, sendo mais tarde eleito por unanimidade para esta Academia de Letras. No seu discurso de posse exaltou, como poucos o fizeram, os méritos desta nobre e respeitável Instituição.

Relevem-nos dizer que há mais de vinte e cinco anos aqui chegamos, após ter sido secretário de Estado e parlamentar com sete mandatos sucessivos. Por vocação, talvez, sempre devotamos grande interesse pelas coisas que se ligavam ao espírito humano.

André Maurois conta-nos que Disraeli, famoso líder inglês, quando já doente, foi nomeado pela Rainha Vitória para a Câmara dos Lordes. Teve de deixar, assim, a Câmara dos Comuns. Antes de fazê-lo, despediu-se do plenário, percorrendo como num adeus lento várias salas daquela Casa Legislativa. Alguém que não era do seu partido, com lágrimas nos olhos, disse a meia-voz a outro companheiro de bancada: Esse homem incomum não é dos nossos; porém vai fazer falta neste recinto. E lembrou, na ocasião, uma frase do referido político britânico: "A vida é muito curta para ser pequena". Acreditava ele que o homem é mais do que uma máquina, acrescentando: "Além da matéria submetida a reações químicas e físicas existe uma essência diversa, que é a alma, o divino, o gênio, substância essa completamente angélica". Não ignoramos que a nossa imortalidade é contingente, mas temos a certeza de que o espírito não morre, através de suas criações, sobretudo se estas são frutos de uma inspiração superior que lhes permita atravessar os tempos.

Aqui ninguém chega sozinho. Traz consigo valores que se renovam, que se aperfeiçoam no debate a cada dia e a cada instante. A investidura não é um ato de graça, mas obedece a toda uma processualística regulamentar e regimental.

Marco Antônio Maciel, que está agora chegando, desde estudante da Faculdade de Direito do Recife, já revelava a sua incoercível vocação para a política e para as letras. Foi Presidente da UEP (União dos Estudantes de Pernambuco) e, no curso das lides universitárias, chegou a Presidente do DCE (Diretório Central dos Estudantes). Exerceu as funções de secretário de estado durante o Governo Paulo Guerra e elegeu-se, depois, Governador de Pernambuco. Porém não se permitiu estacionar nas funções que exerceu. Elegeu-se também Deputado Estadual e Federal, chegando a Presidente da Câmara dos Deputados em Brasília. No momento, como Senador, lidera a maioria naquela Câmara Alta do Parlamento brasileiro.

Foi, entretanto, como titular do Ministério da Educação que seu interesse pela cultura mais se destacou, dando executoriedade à emenda do eminente Senador João Calmon, após uma expectativa de 15 anos fazendo com que 13% dos recursos da União fossem obrigatoriamente aplicados na educação. Teríamos muito a dizer a propósito das realizações do acadêmico eleito como titular daquele importante setor da administração pública federal. Deixamos, todavia, a maior parte dos grandes lances de sua vida a cargo do brilhante acadêmico Marcos Vilaça, destacado membro da Academia Brasileira de Letras e também da nossa, a quem cabe a solene e nobre missão de pronunciar o discurso oficial de recepção, em nome da Casa de Carneiro Vilela, da qual foi presidente muitos anos, prestando à mesma relevantes serviços. Levou a bom termo a aquisição da nova e atual sede, juntamente com o poetíssimo e também ex-presidente Mauro Mota, inclusive, a construção deste auditório.

Injusto não destacar, também, a valiosa colaboração de suas respectivas esposas aqui presentes, Maria do Carmo Vilaça e Marlí Mota, bem como dona Lola, esposa do professor Luiz Delgado, ex-presidente desta Casa o que, por igual, trabalhou para que a doação do edifício-sede fosse consumada.

Não há como negar que as novas instalações deram mais dignidade a esta instituição, na qual o pensamento quase sempre acha-se associado ao trabalho produtivo.

É bom que seja assim e que possamos, parodiando esse admirável Antoine Sait-Exupéry dizer, hoje e sempre, que "estamos no âmago das coisas"... "como uma sentinela sobre as muralhas desta fortaleza que deve ser a vida", a qual "só está garantida pelos valores espirituais que representam uma fonte e uma raiz".

Já dizia Joaquim Nabuco que em um livro apenas pode estar um homem todo. Marco Antônio Maciel escreveu vários e expressivos trabalhos sob o ponto de vista cultural.

Elegendo-o estamos convictos de ter praticado um ato de justiça e de sabedoria.

**Discurso de Saudação ao Acadêmico Marco Maciel, na
Academia Pernambucana de Letras, pronunciado pelo Acadê-
mico Marcos Vilaça.**

Recife, 27 de julho de 1992.

"O

homem era alto e tão magro que parecia sempre de perfil". Dá para pensar que se trata de desenho do Marco Maciel, mas não é. A frase, de Mário Vargas Llosa, principia o livro *A Guerra do Fim do Mundo*, a saga de Canudos.

O novo acadêmico chega alto e magro, mas não de perfil. Entra de frente nesta Casa, credenciado pelos valores fundamentais à convivência acadêmica: pernambucanidade, serviços à cultura, produção intelectual, honradez irretocável.

O seu ingresso, fisicamente, parece de perfil, mas na verdade é o de um retrato de corpo inteiro, e até enxundioso, se a avaliação for a dos merecimentos morais e intelectuais.

À propósito da magreza que lhe valeu apelidos de "Mapa do Chile" e de "Figura de El Greco", devo esclarecer que Marco Maciel, ao contrário do que se diz, gosta de comer. É só vê-lo atracado a um prato de massas, a uma sobremesa de goiabada em calda com queijo do tipo catupiry. Esta combinação daria para engordá-lo quase ao nível de um Oliveira Lima, não fosse degustada apenas uma vez por semestre...

RES PUBLICA

Reconheço-lhe o apetite preferencial: o da ação pública. Esta não é uma gloriola. Procede alardear-lhe vitórias, tenacidade, noites indormidas, auxiliares exaustos e em processo de desnutrição, modernidade nada moderna no jeito de administrar, propostas de longa maturação e de densa formação. Tudo misturado.

Bergson lembra que o intelectual na política realiza-se em homem completo, aliando o pensamento à ação. É o que tem acontecido com Marco Maciel.

As idéias respondem pelo impulso e o breque de suas ações. E sem deixar de sonhar. "Só o sonho é eterno porque não se modifica nunca", falou Borges.

A leitura dos discursos, conferências e livros que nos oferece, mostra, à suficiência, a ética com que acomoda o seu tanto de Maquiavel ao seu tanto de Cervantes, o tanto do pragmático ao muito do idealista. Afinal de

contas, já foi lembrado que São Pedro operou politicamente a lição de Jesus, a partir de quando instalou em Roma a sede da Igreja.

Kaluss Mehnert argumenta que o intelectual nunca deveria meter-se em política, já que lhe faltam senso de oportunidade e capacidade de tomar decisões. Conseqüentemente, não pode agir com eficiência no campo político. Engano do mestre de Aix-la-Chapelle, pelo menos em relação a homens públicos da espécie macieliana.

Na verdade, Marco Maciel deve sofrer a dor da sofisticação de todo intelectual, que é a de não se conceder desculpas. Mesmo estando certo, não lhe basta. É preciso estar certo na hora certa. É necessário lutar pela felicidade da sua gente, mas não como felicidade oriunda do sofrimento que se cansou e sim em conseqüência de uma linha que principia na esperança, não sentada, mas de pé, tal qual nos versos de Cassiano Ricardo.

E ainda: é visível que tem necessidade em negar razão a Churchill quando dizia que o político deve ser capaz de prever o que vai passar-se amanhã, o que vai passar-se mês que vem, e o que vai passar-se no próximo ano, com uma condição: a de saber explicar depois porque nada do previsto aconteceu.

Acadêmico Marco Maciel:

Prepare-se a fim de ver ao seu derredor a cena comum à vida de José de Alencar: os intelectuais julgando-o pelo que faz o político e os políticos julgando-o pelas ações do intelectual. Ajude, também, a desfazer aquela postura de insegurança, denunciada por Austregésilo de Athayde, quando homens de Governo em geral consideram indigno de suas responsabilidades devotar-se às letras, no temor de serem tratados como literatos. Em verdade, porque alguns não gostam de ler, não sabem escrever, pouco pensam e têm ciúmes de quem freqüenta esses hábitos para eles tão exóticos.

A POLÍTICA NA ACADEMIA

Não é nova, sabe-se, a empatia acadêmica em relação aos políticos e disto o seu discurso deu-nos uma visão universal e transtemporal. Vejo dois exemplos fáceis para mim. Quando aqui cheguei tinham ou haviam tido militância política. Ulysses Lins, Barreto Campelo, Costa Porto, Luiz Delgado, Nilo Pereira, Aderbal Jurema, Gilberto Osório, Andrade Lima Filho, Jordão Emerenciano, para só se falar dos desgraçadamente que já se foram. Outro exemplo: sem certeza de mencionar a todos, foram governadores de Estado e acadêmicos da Academia Brasileira: Dom Aquino, Octavio Mangabeira, Luís Viana, Santos Barreto, José Carlos Macedo Soares, Getúlio Vargas, Lauro Müller e o célebre autor de *A Bagaceira*. Lá se encontram os ex-inquilinos dos palácios dos Leões e do Campo das Princesas, respectivamente, José Sarney e Barbosa Lima Sobrinho.

Ressalto, ainda, dois perfeitos abonadores para essa convivência da política com a atividade do intelectual, que se juntam ao nosso, ao nossíssimo Joaquim Nabuco.

José Montello, reconhecendo que há "essencialidade política nas Academias" e Machado de Assis afirmando, "Na Academia (a política) é o sentimento mais ativo de todos e a ABL, graças ao seu quociente de mortos, jamais foi uma academia morta. Os abençoados mortos deram-lhe a mais preciosa das vidas — a vida eleitoral".

A política, assim como em relação a outros de nossos confrades, deu a Marco Maciel boa oportunidade para ouvir o povo, conhecer-lhe as agruras, acumular experiências que se converteram também nas palavras dos seus textos, onde o político adota maior assunção de responsabilidade, em lugar de reclamar os seus direitos.

A ação política não é "em grande parte palavra — tanto a que se diz e a que se cala, como a que se ouve e a que se guarda; a que se imagina ter sido silenciada como principalmente a que se cumpre?", pergunta José Sarney ao se empossar na Academia Brasileira.

Foi muito bom que Marco Maciel buscasse a nossa companhia, ofertando-nos as conquistas da intensa trajetória no plano político-administrativo. Era natural que, numa hora, escutasse saudações de chegada numa Academia. Essa hora chegou.

O aplicado aluno do Colégio Nóbrega, o redator do jornal *Tic-Tac*, o diretor da revista *Súmula* — aventura editorial onde estavam juntos o irmão José e os amigos F. Bandeira de Mello e Fernando Menezes — o estudante de Direito, o professor universitário, o secretário de Estado, o Ministro da Educação, o parlamentar que inclusive presidiu a Câmara dos Deputados, o governador tinham de chegar aqui. Aqui, por enquanto...

Lá de longe, os símbolos culturais de Pernambuco, em suas matrizes olindenses — a cidade ainda mais alteada em suas colinas — alegres vêm-no receber estes brasões de prestar. Consentem e aplaudem. Não são eles, tão-somente. Por igual há foguetes no ar vindos de lares humildes, quase mocambos, essas casas enfermas. Pernambuco fica honrado pela escolha que fizemos consagradoramente. O Sertão, o Agreste, a Mata e o Litoral, que Maciel conhece como a palma da mão, batem palmas para ele.

Cheguei aqui o mais moço, o menor de todos. Agora, não sou o mais moço. Continuo pequeno — ainda que gordo — porém uma vez convidado a saudá-lo, me considero maior que eu mesmo. Igual emoção aconteceu quando presidi a Casa de Carneiro Vilela, dando-lhe as condições de dizer que esta é a mais bela sede de Academia de todo o Brasil, sem esquecer Paulo Guerra, o governador-vaqueiro, benfeitor das nossas letras, e sem escrúpulos ao dizer que o nobre recheio da Casa, foram minha mulher e o acadêmico José de Souza Alencar que começaram a compor com bom gosto, conhecimento e dedicação.

Tingido de certa distância, recordo as nossa conversas nas ruas Afonso Pena e Dom Manoel Pereira — na casa dos seus pais ou na de Jackson Jatobá e, depois, no jardim da minha casa do Derby, ao passar para o seu trabalho na Faculdade de Odontologia; as competentes aulas de mestre Potiguar Matos e do padre Lamego (a quem chamávamos, por brincadeira, de padre Xamego); o tempo intenso da política universitária; o velho PSD de José Maciel e também, em nível municipal, de Antônio Vilaça; as saudades pernambucanas que nós saramos um no outro, em Brasília; a afinidade com o Direito Internacional; a rivalidade Náutico X Santa Cruz; a expressão "xará" com que nos tratamos; a amizade consistente e crescente de nossas famílias. Tudo isto emoldura o que lhe digo agora.

Ainda não estamos nós dois, de todo, nos longes da saudade. Nem, penso eu, somos daqueles que chegando aos cinqüenta não podendo dar maus exemplos, dão conselhos.

Disse, há pouco, que aqui não sou mais o delfim. Frederico Pernambuco me tomou o posto. Na Bandeira, ainda o sou. E também é de Pernambuco o decanato, ocupado por Barbosa Lima Sobrinho.

Mas, como lhe disse, estamos a caminho da semi-provectude. Não se inquiete com a calva luzidia, que as lâmpadas dos cinegrafistas tanto ressaltam, para desconforto da Gisela e de Maria Christiana. D'Annunzio, quando um de seus admiradores se espantou por ser o poeta tão calvo, respondeu firme:

— A erva não cresce na cratera.

E tinha razão. A Marco Maciel, como intelectual, foi reservado o esplendor da ação, de uma maneira muito natural, e que teve sempre o aval dos conterrâneos. A ponto de, às vésperas da sua indicação ao Governo do Estado, um poeta popular ter intuído o seguinte, na "Academia-Anexa", do nosso Paulo do Couto Malta, sob o desafio de glosar o mote, *Se não for o Maciel, é uma zebra legal*:

"Se não for o Maciel
É uma zebra legal
Escolham seja quem for
Podem fazer um contrato
Mas eu tenho um candidato
Para ser governador
É um jovem de valor
É de valor integral
Do Sertão à Capital
Desempenha seu papel
Se não for o Maciel
É uma zebra legal"

EDUCAÇÃO E CULTURA

Muito aprecio a postura que tomou, em particular ao tempo de Ministro da Educação, na defesa da idéia de interar educação e cultura. São palavras suas:

"A educação é uma verdadeira interiorização da razão. Nela se conjugam admiravelmente os valores da tradição e do progresso, visto que por ser capaz de receber a herança dos seus antepassados, de compreendê-la e assimilá-la, é que o homem se capacita a melhorá-la e desenvolvê-la". E mais adiante, no mesmo livro, *Educação e Liberalismo*, endossa a visão da cultura não apenas como conceito amplo, mas, de abrangência, onde consideram-se tanto os bens móveis e imóveis plenos de valor histórico e artístico, quanto os bens de produção cultural. Desde então é possível partir para uma política de desenvolvimento do fazer cultural de uma gente.

Jean Lacroix acredita que a humanidade se funda no dever que cada um tem de transmitir aos vindouros aquilo que recebeu dos antepassados — e aperfeiçoá-lo.

São exercitações do tempo trívio de que falou, com sabedoria — sabedoria, de sábio — Gilberto Freyre.

Marco Maciel acredita na cultura como fonte de criatividade, dinamizadora da sociedade moderna, reordenadora dessa sociedade no sentido, inclusive, da superação de crises. É o passado funcionando como ponto de referência e não como algo a ser repetido.

O futuro, creio, fica desdobrado em três momentos: *o futuro passado*, aquele que, imaginado, não aconteceu; *o futuro presente*, o que hoje vem sendo concebido para o amanhã; *o futuro futuro*, aquele que ainda não formatamos. Para enfrentar esse *futuro* uma senda está aberta; se não a seguirmos ninguém esperará por este "país do futuro": a senda do conhecimento.

As marcas digitais do entendimento tentacular do conhecimento — educação, cultura, ciência, tecnologia — o nosso novo acadêmico cunhou ao tratar ou ao dirigir com sendo de convergência essas áreas específicas da administração, em forma muito própria. E mereceu de Jorge Bornhausen, no prefácio de *Educação e Liberalismo*, este exato destaque:

"Fiel a uma postura liberal que corresponde às suas idéias e ao seu próprio modo de ser, o autor deixa a marca desta posição de princípio na definição dos problemas educacionais e de suas possíveis soluções, a começar pela rejeição de quaisquer uniformidades impostas de cima, empobrecedoras da iniciativa e da criatividade dos cidadãos e, por isso mesmo, avessas ao espírito democrático. Neste sentido, advoga, com firmeza, o princípio da liberdade de ensino, indispensável à manutenção de uma sociedade que é e quer continuar a ser pluralista."

A Academia Pernambucana de Letras vai lhe dar aliciente oportunidade de alongamento das reflexões sobre temas culturais, abrigada no pátio do "inequívoco sentimento cívico", que desde a fundação vem forjando esta Casa. Este julgamento é seu e o extraí do seu livro *Vocação e compromisso*.

Nas academias, é lição de Alceu de Amoroso Lima, são de duas ordens as funções — de tradição, de manutenção do que ficou de bom e merece preservação; e de criação, de renovação da cultura. Por isso tem razão Evaristo de Moraes Filho, que diz em seu notável discurso de posse na Casa de Machado: "Na verdade a Academia não dá nem tira talento a quem quer que seja... A academia, afinal de contas, são os próprios acadêmicos, em sua diversidade de temperamentos e vocações. Como um corpo poroso, nunca opaco, aberto a todos os gêneros literários do país: da poesia, da ficção ou do ensaio... A academia é aquilo que os acadêmicos fazem dela..."

O Brasil precisa de investir na Cultura, carece dos que se dediquem a ela, merece que nos aconteça uma espécie de Renascimento.

Para tanto a academia conta com a sua participação. Não lhe faltam as qualificações e não lhe faltam os sofrimentos em desafios superados. Regue as nossas raízes, Dr. Marco Antônio Maciel. Foi em função desta constatação que Carlos Castello Branco prefaciando-lhe, *Idéias liberais e a realidade brasileira*, astutamente, diz em certa altura:

"... este livro, que alia pensamento e proposta de ação, conforme o estilo desse senador que, ainda jovem, já foi presidente da Câmara dos Deputados, governador de Pernambuco, ministro de Estado e presidente de partido. Para quem nasceu no Nordeste, desfavorecido pelos desequilíbrios regionais que discriminam também seus filhos, excluindo-os da disputa pelo poder nacional, isso é quase uma biografia completa. Pelo menos até que ideais como os que ele sustenta tenham alterado a fisionomia da política brasileira."

Ficam muito bem explicadas as emoções de homem, de nordestino, de amigo deles, quando dos seus discursos à memória de Gilberto Freyre e de Luis Gonzaga, brasileiros tão complementares no jeito com que amaram o chão de província, em expressão provincial nada provinciana.

Em Gilberto Freyre ressalta Maciel:

"Seu nome, quase mítico, é sinônimo de trópico, de sol, de um pertinaz e abrangente trabalho criador, obsessivamente voltado para a instauração de uma nova leitura do Brasil, pela qual o nosso País pudesse, enfim, identificar-se a si mesmo no encontro de suas raízes."

Já em Luiz Gonzaga, destaca:

"A música teluricamente nordestina de Luiz Gonzaga, antecipadamente precursora da música popular brasileira, é assim algo que, embora não possa ser entendida como música engajada, "uma denún-

cia de protesto"; é, contudo, politicamente comprometida com a busca da solução regional nordestina, com o perseguir para o nosso País de um desenvolvimento nacional mais homogêneo — sem distorções; mais orgânico, menos injusto, portanto.

.....
Gonzaga era um telúrico sem ser provinciano, pois o telurismo é manter-se gassetianamente preso às circunstâncias locais sem perder a visão das questões nacionais ou até internacionais. Tampouco se pode confundir telurismo, regionalismo com separatismo, pois isso seria negar a grande aspiração à unidade nacional que pressupõe a integração inter-regional."

Tudo assim aparece, concordo vivamente, porque aprendemos a respeitar os diferentes contextos culturais que nos compuseram em brasileiros. Ensina Gilberto Freyre: "A unidade brasileira é do que se nutre para ser o espantoso fenômeno sócio-econômico que é: da diversidade de regiões — Brasil no plural — que se interpenetram, completando-se no Brasil, no Brasil singular".

CADEIRA ECLESIAÍSTICA

A cadeira que lhe confiamos é de forte acento eclesiástico. Como lhe ficam bem companhias de um Frei Leandro, de um Monsenhor Severino Nogueira! Sua convicção religiosa é exemplar. Sua formação, uma apoteose, cristocêntrica de serenidade e conhecimento. Apreciam-na de congregados marianos a agnósticos.

Desconfio que se houvesse escolhido o sacerdócio, hoje o saudaria assim:
Dom Marco Antonio, Cardeal Maciel.

Imagino, só por provocação, o brilho nos Concílios, as articulações nos corredores do Vaticano, o contributo espiritual à redação das Encíclicas, a oportunidade do solidéu e a impossibilidade da tonsura, tudo encimado pelo exemplo das virtudes teologais e cardeias, entre outras de que eu, filho de ex-seminarista, coitado de mim, não lhes sei os nomes.

Mas foi bom que Deus o tenha destinado para ser pai de família, grande pai de família. Foi muito bem!

Em verdade, em verdade a todos digo que fascina a sua postura de católico. A sua Igreja é a da mão estendida, a do amor. Não posso, jamais, imaginá-lo em atitudes de intolerância, de má vontade, afastando fiéis, sem dialogar com paroquianos, sem compreender sentimentos de jovens, desatento aos motivos dos mais velhos, marginalizando sonhos familiares de sadia construção, ignorante dos serviços prestados por membros da comunidade, encharcado de preconceitos, confundindo arte com lascívia, como os mentecaptos que cobriam corpos nus em pinturas de museus, confundindo a sua mente com as telas.

Não. Não e não.

A sua Igreja é a que tem *écclat*. Não é a distorção da Igreja. Não atemoriza, não estimula diáspora, não escurece, não separa.

E digo, provando:

Marco Maciel conseguiu que João Maurício se formasse na boa trilha da prática católica, a partir de uma semi-insubordinação do filho caçula.

O caso foi o seguinte: um domingo, o pai chama a família para a missa. Todos se preparam e o garoto João Maurício, impassível, anuncia:

— Não vou.

— Por que, João?

— Não fui convidado. Mamãe me disse que não se vai a um lugar sem ser convidado.

Marco Maciel arranhou-lhe um convite. Convite permanente.

Praticou a diáspora ao contrário. O emblemático comportamento merece ser seguido.

Mas como identificar o balizamento da conduta de Marco Maciel sem os pais, dona Carmem e Dr. Maciel, e a mulher Anna Maria, a admirável Anna Maria?

Josué Montello me observou, certa ocasião, que Heine estava certo ao reconhecer que o escritor, em casa, precisa contar com o silêncio, da companhia. O político, também, digo eu. Não só do silêncio mas da palavra que não o quebrando, ajude na hora polêmica; que não o violando, seja a confiança ante tropeços de vida.

Anna Maria nunca faltou.

E o pai?

O filho mesmo pode explicar, como neste texto:

"E no seu exemplo (do pai), aprendi a identificá-la (a política) como uma síntese de desprendimento e coragem, conhecimento e ação, de ousadia e prudência, de inteligência, discernimento e responsabilidade."

Já de dona Carmem quero contar cena estupenda, daquela conversa do coração de mãe, a desfibrar fibra por fibra...

Era época de vestibular para a Faculdade de Direito. Muita queima de pestana. Madrugadas de olho aberto. Alegrias adiadas. A casa repleta de colegas para estudos em grupo, desatentos à alimentação e concentrados nos livros. Ele fugindo de dona Carmem. Ela implora, sem sucesso, que tome, pelo menos, um copo de leite. Vencida, desabafa:

"Quando passar o vestibular, vou tomar conta da alimentação deste menino."

Ao que parece, o vestibular continua...

Acadêmico Marco Maciel:

O final do seu importante discurso de posse é um ato de fé, aquela

operária de todas as vitórias, a que se referiu Nilo Pereira. A fé, o povo, o sol das praças são as derradeiras imagens de sua fala.

Pois bem, à maneira da recordação que dias atrás fez no jornal *O Globo*, "Lembraí-vos de 22", também devo lhe dizer que esta sua nova Casa comunga dessa fé e dessa esperança.

O Brasil confia, ainda que esteja tão dessagrado, tão despossuído, tão carunchoso, nos seus filhos, nos seus líderes. Se hoje já não temos heróis pelo menos que nos protejam os líderes, no esforço de olhar para os humildes destinos dos que deslizam em nosso derredor.

Bernard Shaw dizia que só temos tempo bastante para pensar no futuro quando já não há futuro em que pensar.

Então, cuidemos. Não consintamos que a oportunidade vá fluindo lentamente como o tempo dos meninos. Há que vigiar o amanhecer. É preciso buscar novas alvoradas. poente não tem intimidade com o futuro. A caquistocracia não é o nosso destino.

Senhor Presidente,
Confrades,
Senhoras, Senhores,
Dileto companheiro Marco Maciel:
Vida que segue.
Para Vinicius de Moraes, em pessimismo:

"Tem dias que eu fico
Pensando na vida
E sinceramente não vejo saída
Pois é: a vida tem sempre razão
Pois é: a vida é que está com razão."

Para Drummond, em conformismo:

"Éta vida besta, meu Deus"

Mas Olavo, Zagueiro do Olaria, do Rio de Janeiro, na década de 60, ainda que de um time perdedor, só enxergava otimismo. É dele a frase:

"Tudo *fazeremo* pela vitória"

Eu, me segurando nos comigos de mim, sugiro-lhe: fique com Olavo.

Discurso do Governador Joaquim Francisco, Governador de Pernambuco, em homenagem ao Acadêmico Marco Maciel.

O povo, como disse Marcos Vilaça, está lá fora, não só aqui no pátio da Academia. Está nas praças, Marco Maciel está nas ruas, no sertão, nos vários brasis, a reconhecer a hora e o momento certo. Você, Marco, pela sua vida de homem integralmente dedicado à coisa pública já merecia e merece ingressar na Academia Pernambucana de Letras.

Ouvi atentamente o que disse, repetindo trecho de Andrade Lima, quando ele se referiu ao Professor Severino Nogueira, o nosso sacerdote Severino Nogueira. E Andrade Lima disse: "Severino não cresceu por fora, cresceu por dentro". Marco Maciel cresceu por fora e cresceu por dentro.

Portanto, merece.

E Marcos Vilaça disse que a sua preocupação com o político e com o intelectual não é só o sentido de estar certo. Você tem procurado sempre, e dou aqui o meu testemunho, estar certo na hora certa.

Em nome do povo de Pernambuco eu gostaria de parabenizá-lo e em meu nome pessoal por ter tido a honra de em tantas e tantas caminhadas ao seu lado, sempre aprendendo, sempre utilizando os seus ensinamentos e, sobretudo, o ensinamento da sua conduta, da sua maneira de ser, o político dedicado única, e exclusivamente, ao engrandecimento da causa pública.

Eu não poderia deixar de registrar aqui a minha satisfação e pedir permissão ao caro primo João Cabral de Mello Neto quando ele diz: "O difícil não é traçar no papel, é traçar na vida". Você traçou na vida e no papel.

Parabéns, Marco Maciel.



OS12236/92

